

UMA MULHER SEM IMPORTÂNCIA

TRADUÇÃO
RITA CARVALHO E GUERRA

SONIA PURNELL

CRÍTICA

Para Sue
1951-2017
A coragem revela-se de muitas formas

A Resistência era um modo de vida... Vemo-nos nela em absoluta liberdade... uma versão desconhecida e irreconhecível de nós mesmos, o tipo de pessoas que não voltaremos a encontrar, que existia apenas no âmbito de condições únicas e terríveis... por entre fantasmas ou os mortos... [No entanto] chamaria a esse momento da minha vida «Felicidade».

JEAN CASSOU, líder da Resistência de Toulouse e poeta

O sujeito ideal do domínio totalitário não é o nazi convicto ou o comunista convicto, mas a pessoa para quem a distinção entre facto e ficção (ou seja, a realidade da experiência) e entre verdadeiro e falso (ou seja, os padrões de pensamento) já não existem.

HANNAH ARENDT, *As Origens do Totalitarismo*

A história humana ganha a sua forma através de numerosos e diversos atos de coragem e crença. De cada vez que um homem defende um ideal ou age para melhorar a sorte dos outros, ou se manifesta contra a injustiça, projeta de si uma minúscula ondulação de esperança e, cruzando-se a partir de um milhão de centros de energia e arrojo, estas ondulações constituem uma corrente que pode derrubar a mais poderosa das muralhas.

ROBERT F. KENNEDY



Lista de personagens

Os nomes de código utilizados no terreno surgem em itálico ao longo do livro. Era frequente os agentes utilizarem múltiplos nomes de código no terreno, mas, por uma questão de clareza, utilizei apenas os mais relevantes.

Alain = Georges Duboudin

Antoine = Philippe de Vomécourt (também *Gauthier*, *major St. Paul*)

Aramis = Peter Harratt (também *Henri Lassot*)

Artus & Auguste = Henry e Alfred Newton

Bispo = abade Robert Alesch (também *René Martin*)

Bob = Raoul Le Boulicaut

Carte = André Girard

Célestin = Brian Stonehouse

Christophe = Gilbert Turck

Constantin = Jean de Vomécourt

Fontcroise = capitão Henri Charles Giese

Georges = Georges Bégué

Gévolde = Serge Kapalski

Gloria = Gabrielle Picabia

Lucas = Pierre de Vomécourt (também *Sylvain*)

Marie = Virginia Hall (também *Germaine*, *Philomène*, *Nicolas*,
Diane, *Diana*, *Marcelle*, *Brigitte*, *Isabelle*, *Camille*, *DFV*, *Artemis*)

Nicolas = Robert Boiteux (também conhecido como *Robert Burdett*)

Olive = Francis Basin

Pépin = doutor Jean Rousset

René = Victor Gerson (também *Vic*)

Sophie = Odette Wilen

Victoire = Mathilde Carré (ou *La Chatte*)

Índice

Prólogo	15
Capítulo 1 – O sonho	23
Capítulo 2 – Chegada a hora	47
Capítulo 3 – As minhas amigas atrevidas	81
Capítulo 4 – Adeus a Dindy	113
Capítulo 5 – 12 minutos, 12 homens	151
Capítulo 6 – Colmeia de espões	169
Capítulo 7 – Montanha cruel	199
Capítulo 8 – A agente mais procurada	217
Capítulo 9 – Contas a ajustar	249
Capítulo 10 – <i>Madonna das Montanhas</i>	283
Capítulo 11 – A partir dos céus	319
Capítulo 12 – Os anos da CIA	357
Epílogo	383
Agradecimentos	387
Notas	391
Bibliografia	409
Índice remissivo	413

Prólogo

França estava a cair. Os carros esgotados, outrora repletos de bens preciosos, estavam enfiados nas valetas em posições loucas. As suas cargas amadas de bonecas, relógios e espelhos jaziam, partidas, à sua volta e ao longo de quilómetro após quilómetro de estrada inimiga. Os seus donos, jovens e velhos, jaziam ao longo do pó quente, uns a gemer, outros já em silêncio. E, no entanto, as hordas continuavam a passar por eles, uma fila infindável de fome e exaustão, demasiado temerosa para parar durante dias sem fim.

Dez milhões de mulheres, crianças e idosos avançavam, fugindo dos tanques de Hitler que penetravam através da fronteira a partir do Leste e do Norte. Cidades inteiras tinham-se erguido, numa fútil tentativa de escapar ao *Blitzkrieg* nazi que ameaçava engoli-las. A conversa febril era a de soldados alemães despidos até à cintura, rejubilando perante a facilidade da sua conquista. O ar estava carregado de fumo e do fedor da morte. Os bebés não tinham leite e os idosos caíam por toda a parte. Os cavalos que puxavam velhas carroças sobrecarregadas encurvavam-se e resfolegavam na sua agonia ensopada em suor. A onda de calor francesa de maio de 1940 testemunhou tudo isto, o maior êxodo de refugiados de todos os tempos¹.

Dia após dia, um veículo que se movia solitariamente ia serpenteando através da multidão com uma espantosa jovem ao volante. O soldado Virginia Hall ficava, muitas vezes, sem combustível e sem medicamentos, mas avançava na sua ambulância do exército francês em direção ao inimigo que avançava. Perseverou mesmo quando os *Stukas* alemães desciam, guinchando, para lançar as suas bombas de 50 quilos sobre as colunas de veículos à sua volta, incendiando os carros e abrindo crateras nas estradas. Mesmo quando os caças varreram as copas das árvores para disparar as suas metralhadoras sobre as valetas onde mulheres e crianças tentavam abrigar-se da carnificina. Mesmo quando os soldados franceses estavam a desertar das suas unidades, abandonando as suas armas e fugindo, alguns deles nos seus tanques. Mesmo depois de a anca esquerda lhe trespassar o corpo com guinadas de dor por carregar na embraiagem com o seu pé prostético.

Agora, aos 34 anos, a sua missão marcava um ponto de viragem depois de anos de rejeição cruel. Por si, tanto quanto pelas baixas que recolhia nos campos de batalha e transportava para o hospital, não podia voltar a falhar. Havia muitas razões pelas quais estava disposta a pôr em risco a sua vida, longe de casa, para ajudar um país estrangeiro, quando milhões de outros desistiam. Talvez a mais destacada de entre elas fosse o facto de há muito não se sentir tão estontantemente viva. Enojada pela cobardia dos desertores, não conseguia compreender por que não continuavam a lutar. No entanto, ela tinha muito pouco a perder. Os franceses ainda recordavam o facto de terem sacrificado um terço dos seus jovens na Grande Guerra, e uma nação de viúvas e órfãos não tinha qualquer desejo de mais derramamento de sangue. Virginia, porém, tencionava avançar até ao fim, onde quer que a batalha a levasse. Estava preparada para correr todos os riscos, para enfrentar quaisquer perigos. A guerra total contra o Terceiro Reich podia, de um modo perverso, oferecer-lhe uma última esperança de paz pessoal.

E, NO ENTANTO, ISTO NADA FOI QUANDO COMPARADO COM O QUE estava para vir, numa vida que se transformou numa narrativa homérica de aventura, ação e coragem inimaginável. O serviço de Virginia Hall, no verão de 1940, em França, não passou de um aprendizado para a missão quase suicida contra a tirania dos nazis e dos seus fantoches em França. Ajudou a desbravar terreno para um papel audacioso de espionagem, sabotagem e subversão por detrás das linhas inimigas, numa era em que as mulheres quase não figuravam no prisma do heroísmo, em que o seu papel no combate estava reservado ao de apoio e cuidados paliativos. Quando se esperava apenas que as mulheres tivessem bom aspeto e agissem de forma obediente e deixassem que os homens fizessem o trabalho pesado. Quando as mulheres – ou os homens – deficientes estavam confinados a ficar em casa e a levar vidas limitadas e insatisfatórias. O facto de uma jovem que tinha perdido a perna em circunstâncias trágicas ter quebrado as rígidas restrições e ter vencido os preconceitos, e até a hostilidade, de modo a auxiliar os Aliados a ganharem a Segunda Guerra Mundial é espantoso. Que uma guerrilheira feminina da sua estatura permaneça tão desconhecida até este dia é inacreditável.

No entanto, talvez fosse isso que Virginia desejasse. Ela operava nas sombras, e era assim que era mais feliz. Até para os seus aliados mais próximos em França, ela parecia não ter casa ou família ou regimento, apenas um desejo ardente de derrotar os nazis. Não conheciam nem o seu nome verdadeiro nem a sua nacionalidade, nem como chegara junto deles. Mudando o seu aspeto e comportamento, aparecendo sem aviso em vastas regiões de França apenas para desaparecer, de súbito, de novo, permaneceu um enigma durante a guerra e, nalguns aspetos, também depois desta. Mesmo agora, o traçar da sua história envolveu três anos de trabalho de detetive, levando-me dos Arquivos Nacionais de Londres aos ficheiros da Resistência, em Lyon, e às zonas do Alto Loire para onde se lançaram os paraquedistas, passando pelos *dossiers* judiciais de Paris e até

pelos corredores de mármore branco do quartel-general da CIA em Langley. A minha investigação conduziu-me através de nove níveis de autorizações de segurança e até ao coração do mundo da espionagem americana de hoje. Debatí as pressões da operação em território inimigo com um antigo membro das forças especiais britânicas e com antigos oficiais dos serviços secretos de ambos os lados do Atlântico. Localizei ficheiros desaparecidos e descobri que outros permanecem misteriosamente perdidos ou por localizar. Passei dias a desenhar diagramas de modo a corresponder os nomes de código com dezenas das suas missões; meses a caçar os extratos restantes daqueles estranhos documentos «desaparecidos»; anos a desenterrar documentos e memórias esquecidos. Claro que os melhores líderes da Resistência não têm qualquer intenção de fazer os futuros historiadores felizes, mantendo registos perfeitos, às cinco da manhã, sobre as suas missões noturnas, e os registos existentes são, por vezes, fracionados ou contraditórios. Sempre que possível, segui a versão dos eventos contada pelas pessoas mais próximas deles. Por vezes, contudo, foi como se Virginia e eu estivéssemos envolvidas no nosso jogo de gato e rato; como se ela permanecesse, na sua campa, como costumava dizer, «indisponível para falar» sobre aquilo que tinha feito.

No seu universo secreto, enquanto quase toda a Europa, do mar do Norte à fronteira russa, se encontrava sob o domínio nazi, a confiança era um luxo impossível. A mística era tão importante quanto uma pistola *Colt* escondida. E, no entanto, numa era em que o mundo parece de novo inclinar-se para a divisão e o extremismo, o seu exemplo de camaradagem através de fronteiras, em busca de um ideal maior, destaca-se mais do que nunca.

Os governos também não tornaram mais fácil preencher as lacunas. Dezenas de documentos relevantes continuarão marcados como secretos durante mais uma geração – embora eu tenha conseguido aceder a vários deles para este livro, com a ajuda preciosa de dois antigos agentes dos serviços secretos. Ainda mais

desapareceram nas chamas de um incêndio devastador nos Arquivos Nacionais Franceses nos anos de 1970, deixando um buraco, impossível de preencher de novo, nos relatos oficiais. Conjuntos enormes de documentos dos National Archives and Records Administration (NARA) em Washington, D.C., foram aparentemente mal arquivados ou, talvez, mal rotulados, tendo-se, um grande número deles, perdido numa mudança entre dois edifícios. Apenas 15% dos documentos originais do Special Operations Executive – o serviço secreto britânico para o qual Virginia trabalhou entre 1941 e 1944 – sobreviveram. E, no entanto, para todos estes desafios, voltas e reviravoltas ao longo de vielas escuras e escondidas, a história de Virginia nunca me desiluiu: de facto, revelou-se ainda mais extraordinária, as suas personagens ainda mais vívidas, o seu significado maior do que alguma vez poderia ter imaginado. Ela ajudou a mudar a espionagem e a maneira como as mulheres eram vistas no esforço de guerra para sempre – bem como o curso dos combates em França.

Os inimigos de Virginia eram mais mortíferos, a sua conduta mais arrojada do que muitas fantasias de Hollywood. E, no entanto, a narrativa de capa e espada é verdadeira, e Virginia uma heroína da vida real que perseverou mesmo quando tudo parecia perdido. O universo implacável de enganos e intrigas que ela habitava pode ter inspirado Ian Fleming a criar James Bond e, no entanto, ela esteve mais perto de se tornar a derradeira espia. Por fim, com a mesma implacabilidade e astúcia do ficcional comandante Bond, compreendeu a necessidade de se fundir e de manter a sua distância tanto de amigos quanto de inimigos. Enquanto Bond era conhecido, pelo nome, de todos os mauzões internacionais, ela deslizava por entre inimigos sem ser vista. Enquanto Bond conduzia um vistoso *Aston Martin*, ela viajava de comboio ou elétrico ou, apesar da sua deficiência, a pé. Enquanto a personagem de Fleming parecia erguer-se sem dificuldade até ao topo, Virginia teve de se debater por cada centímetro de reconhecimento e autoridade. O seu esforço fez dela a figura que se tornou, uma figura que sobreviveu, até prosperou, numa vida

clandestina que quebrou muitas pessoas mais adequadas ao lugar. Não é de admirar que o atual chefe da agência de serviços de informação britânica MI6 tenha revelado que procura recrutas que não gritem muito nem se exibam muito, mas que tenham necessitado de «lutar para avançar na vida»².

Virginia era um ser humano com as falhas, medos e inseguranças dos restantes – talvez até mais – mas estes ajudaram-na a compreender os seus inimigos. Só por uma vez os seus instintos a abandonaram, com consequências catastróficas. No entanto, acima de tudo, conquistou os seus demónios e ganhou confiança, admiração e em última análise a gratidão de milhares no processo. Conhecer Virginia era nunca mais a esquecer. Até ao momento em que se reformou, nos anos de 1960, da sua carreira de pós-guerra na CIA, foi uma mulher à frente do seu tempo que tem muito para nos contar hoje em dia.

A controvérsia permanece em relação à possibilidade de as mulheres combaterem ao lado dos homens na linha da frente, mas há quase oito décadas Virginia já comandava homens nas profundezas do território inimigo. Passou por seis anos de guerra na Europa, vivendo-os como muito poucos americanos viveram. Pôs uma e outra vez em risco a sua vida, não por um nacionalismo fervoroso em relação ao seu país, mas pelo amor e pelo respeito às liberdades dos outros. Fez explodir pontes e túneis, e enganou, negociou e, como 007, tinha licença para matar. Aquilo que realizou foi uma forma de guerra muito moderna, baseada na propaganda, no logro e na formação de um inimigo a partir do interior – técnicas que nos são agora cada vez mais familiares. Mas os seus objetivos eram nobres: ela queria proteger mais do que destruir, devolver a liberdade e não retirá-la. Não procurou a fama ou a glória, nem estas lhe foram concedidas.

Não se trata de um relato militar de uma batalha de França, nem de uma análise das formas em constante mudança da espionagem, ou do envolvimento das forças especiais, embora, claro, estes tenham um pano de fundo rico e dramático para a história de Virginia.

Este livro é uma tentativa de revelar como uma mulher ajudou a virar a maré da história. Como a adversidade e a rejeição e o sofrimento podem por vezes transformar-se, no fim, em determinação e derradeiro triunfo, mesmo contra o pano de fundo de um conflito horrendo que lança a sua longa sombra sobre a maneira como vivemos hoje. Como as mulheres podem abandonar a construção da feminilidade convencional de modo a desafiar todos os estereótipos, se ao menos lhes for dada essa oportunidade. E como as urgências desesperadas da guerra podem abrir oportunidades que a vida normal, tragicamente, mantém encerradas.

Claro, Virginia, que serviu sob os serviços secretos britânicos e americanos, não trabalhava sozinha. O elenco de apoio de médicos, prostitutas, esposas de agricultores, professores, livreiros e polícias foi também esquecido, mas pagaram um caro preço pela sua coragem. Tal como aquilo que fizeram pela causa foi inspirado em parte por romances ideais majestosos, também estavam conscientes de que o insucesso ou a captura significavam uma morte solitária e sangrenta. Algumas das figuras mais venais e aterrorizantes do Terceiro Reich estavam obcecadas com Virginia e as suas redes e labutaram de forma incansável para a eliminar e a todo o movimento que ela ajudou a criar. Mas, chegada a hora da libertação de França, em 1944, os exércitos secretos que ela equipou, treinou e, por vezes, dirigiu, desafiaram as expectativas e ajudaram a alcançar a vitória completa e final por parte dos Aliados. Mas mesmo isso, contudo, não foi suficiente para ela.